

LIMA BARRETO E A REPRESENTAÇÃO DO SABER E DA EDUCAÇÃO NO INÍCIO DO SÉCULO XX

UMA PROPOSTA DE LEITURA INTERDISCIPLINAR NA E PARA A SALA DE AULA.

Márcia A. G. Molina²⁴

RESUMO

Sabemos que o final do século XIX e o início do século XX constituíram-se em momentos muito peculiares em nosso país: éramos uma República recente, havia pouco também ocorrera a abolição dos escravos, os avanços industriais começavam a penetrar em nossa sociedade. Em relação à escola, muitas reformas surgiam, poucas efetivadas e, ao lado de construções escolares “para serem vistas” coexistiam aquelas de chão batido. A população em sua maioria era analfabeta e os que chegavam a uma faculdade eram praticamente todos pertencentes à elite. Assim, este trabalho analisa dois contos de Lima Barreto produzidos nesse contexto: “O Homem que sabia javanês” e “Clara dos Anjos”, à luz da História Cultural e da Teoria Literária, avaliando como são representados o saber e a educação nesse momento peculiar de nossa História, por esse autor. O trabalho orienta-se por autores como Moisés (2006), Chartier (1990), Pesavento (2004) e Sevcenko (2003), dentre outros. Trata-se, portanto, de um trabalho

²⁴ Doutora em Linguística pela USP. Docente da UFMA. E-mail: maguemol@yahoo.com.br.

interdisciplinar, compreendendo a interdisciplinaridade, à luz de Fazenda (2008), com a finalidade também de apontar uma perspectiva plurivalente de leitura para a sala de aula. Ao final pôde-se perceber a validade de se utilizar a literatura como fonte para a História, visto que demonstrado está pela voz de Lima Barreto o que está narrado na História: que para aquela sociedade mais valia ser do que efetivamente saber.

Palavras-chave: Lima Barreto; Representações; Saber; O homem que sabia javanês; Clara dos Anjos.

INTRODUÇÃO

Os anos que correspondem o final do século XIX e início do século XX constituíram períodos muito peculiares em nosso país: éramos uma República recente, há pouco também ocorrera a abolição dos escravos, os avanços industriais começavam a penetrar em nossa sociedade, mas parecia que tínhamos, como diz Naxara (2002, p. 75), “um olhar posto no futuro que encontrou um presente, que se assemelhava ao passado”.

Em relação à educação não era diferente: a maioria da população no início do século XX era analfabeta (o Censo de 1920²⁵ aponta que a taxa era de mais de 70%), ao lado de grandes construções escolares, surgidas com a República, havia aquelas de chão batido, saldo da Monarquia; paralelamente àquelas com professores bem formados, sobretudo advindos do Caetano de Campos, em São Paulo; ou Pedro II, no Rio de Janeiro, por exemplo, havia aquelas cujos mestres eram semianalfabetos... Além disso, reformas se sucediam, umas implementadas, outras esquecidas... Poucas faculdades havia e a universidade ainda não chegara. Para os jovens abastados o que mais importava, nem era o saber, mas um título de bacharel, a fim de garantirem um cargo público e, assim, alcançarem um futuro “promissor”. Para os menos abastados, os mulatos e os escravos libertos restavam ou a ignorância ou as primeiras letras nas poucas escolas que os aceitassem.

O final do século XIX e início do XX foram, efetivamente, períodos de ambiguidades na e para a constituição do “ser brasileiro”.

Foi nesse contexto antagônico que nasceu Lima Barreto, em 13 de maio de 1881. Mulato, filho de uma escrava liberta, professora Amália Augusta, e do tipógrafo João Henriques, desde cedo revelou sua paixão pelos livros e, desde

²⁵ Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv31687.pdf>.

muito cedo, também sentiu o peso do preconceito. No seu “Diários Íntimos” revelaria quão difícil era não ter nascido branco.

Ficou órfão de mãe muito cedo e seu pai enlouqueceu quando era ainda muito jovem, o que exigiu que ele abandonasse o curso de engenharia e passasse a trabalhar para assumir as despesas da casa. Apesar disso, e tendo herdado da mãe o gosto pela leitura e pela escritura, iniciou sua atividade como jornalista, sendo colaborador de muitas das principais revistas de sua época: *Brás Cubas*, *Fon-Fon*, *Careta* etc. No entanto, o que o sustentava era o emprego como escrevente na Secretaria de Guerra, onde se aposentaria em 1918. Foi internado duas vezes no Hospício Nacional, por causa de seu vício pelo álcool e os sofrimentos por que passou durante suas internações aparecem em seu livro “Cemitério dos vivos”.

Escreveu inúmeros contos e crônicas, mas suas principais obras foram “Triste fim de Policarpo Quaresma”, em que retrata a vida de um funcionário público, nacionalista fanático, representado pela figura de Policarpo Quaresma; e “Clara dos Anjos”, que traz à baila questões sociais da época, como o preconceito racial, a obrigação do casamento e o papel das mulheres na sociedade fluminense durante o princípio do século XX.

Nosso objetivo nesse trabalho é avaliar como Lima Barreto representa a importância da educação, do saber naquela sociedade, mostrando aos professores quão rica se torna a leitura de um texto literário que possa integrar outras áreas do saber.

Dada a especificidade deste trabalho, de sua obra, selecionamos dois contos: “O homem que sabia javanês” e “Clara dos Anjos” (que deu origem, posteriormente, a livro homônimo), avaliados à luz da Teoria Literária e da História Cultural.

Constituirão, pois, nossos aportes teóricos autores como Moisés (2006), Chartier (1990), Pesavento (2004) e Sevchenko (2003), dentre outros. Trata-se, portanto, de um trabalho interdisciplinar, compreendendo a interdisciplinaridade, à luz de Fazenda (2008), para quem, mais que interação entre disciplinas, interdisciplinaridade envolve comunhão e quebra de barreiras epistemológicas.

O HOMEM QUE SABIA JAVANÊS: IRONIA E REPRESENTAÇÃO DO SABER E DA EDUCAÇÃO

Para que possamos melhor nos situar, lembremo-nos de que o conto, para Moisés (*opus cit.*), é uma narrativa breve, que envolve curto espaço temporal; poucas personagens e, normalmente, apenas um núcleo temático-problematizante.

O drama nasce quando se dá o choque de duas ou mais personagens, ou de uma personagem com suas ambições e desejos contraditórios. Se tudo estivesse em plena paz e ordem entre as personagens, não haveria conflito, portanto, nem história. E mesmo que se viesse a escrever um conto acerca do bem estar e da tranquilidade de espírito, é certo que não teria interesse algum. A bem-aventurança medíocre produzida pela satisfação dos apetites primários não importa à Literatura, pois mesmo fora da Arte as pessoas “felizes” são monótonas e desatraentes. Só a dor, o sofrimento, a angústia, a inquietude criadora, etc., faz que as criaturas se imponham e suscitem interesse dos outros. A Literatura opera exatamente no plano em que o homem vive a vida como luta, tomada de consciência da morte e da precariedade do destino humano. Tal homem não se acomoda, não se torna feliz; muito pelo contrário. E quanto mais indaga, mais se inquieta, e por isso vive integralmente num permanente círculo vicioso. Aí entra a Literatura (Moisés, 2006, p. 124).

O primeiro conto selecionado para análise, “O homem que sabia javanês”, diz respeito ao senhor Castelo, advogado desempregado, que narrava ao amigo Castro as peripécias que já havia feito na vida para viver. Uma delas era ter montado um escritório de feiticeiro e adivinho, em Manaus, e, para obter maior credibilidade junto ao círculo social com quem se relacionava, ocultara sua formação: “Houve mesmo, uma dada ocasião, quando estive em Manaus, em que fui obrigado a esconder a minha qualidade de bacharel, para mais confiança obter dos clientes, que afluíam ao meu escritório (...)” (MORICONI, p. 55). Para Chartier (1990), a História Cultural avalia como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada e dada a ler.

Assim, lembrarmo-nos de que aquele foi um momento peculiar, repleto de ambiguidades, auxilia-nos a melhor compreender o porquê dessa afirmação. A leitura do conto faz-nos também melhor entender que a formação bacharelesca em determinados núcleos sociais, em especial nos dos mais humildes, não era bem vista e, para a personagem, no papel que estava desempenhando, poderia comprometer a imagem que queria mostrar: a de “feiticeiro”, “ofuscando”, dessa feita, a “eficiência” da “feitiçaria” que poderia vir a ser praticada...

Contudo, precisava ele trabalhar, porque, recordemo-nos com Naxara (2002) que a ideia de progresso passava pelo trabalho. Somente os mais abastados

podiam abster-se dele, (...) aos “subalternos, o ócio era visto como vadiagem, preguiça, defeito” (MORICONI, p. 51). Nesse sentido, teria emprego, desvinculando-se da imagem de vadio, a despeito de tudo.

Na sequência, no conto, a personagem revela ao amigo que, quando chegara ao Rio, sem dinheiro e sem emprego, fugindo de seus devedores, deparara-se com um anúncio no Jornal do Comércio em que se solicitava um professor que soubesse javanês: “Preciso de um professor de língua javanesa. Cartas, etc.” (opus. cit. p. 56), encaminhando a narrativa, portanto, para o núcleo central e único do conto: ensinar javanês.

Confessa-lhe ter julgado que, para aquela profissão, não haveria muitos concorrentes. Como de fato aconteceu. Dirigira-se então à Biblioteca Nacional, solicitara a “Grande Encyclopedia”, acorrera à letra J e lá obtivera informações sobre Java. A referida enciclopédia também informara sobre a língua, por meio da qual copiou o alfabeto e a pronúncia, voltando para a casa “mastigando as letras”.

Ao chegar à pensão em que estava hospedado, respondera ao anúncio e, dois dias depois, recebera uma carta solicitando-lhe que fosse falar com o Barão de Jacuecanga, no endereço citado, ocasião em que já se inteirava de algumas questões a mais de Java, como expressões de cumprimento, literatura, geografia...

Já à casa do Barão, deparou-se com um casarão grande e sóbrio: “Na sala, havia uma galeria de retratos: arrogantes senhores de barba em colar se perfilavam em imensas molduras douradas...”, mas malculiado: “Olhei um pouco o jardim e vi a pujança vingativa com que a tiririca e o carrapicho tinham expulsado os vinhões e as begônias” (MORICONI, p. 57), revelando-nos, novamente a ambiguidade do período: o título de Barão, obtido com certeza a troco de algum favor à Monarquia perdurava, mas o poder, agora na recém-implementada República, estava decadente, com tudo o mais que dele adviesse.

O Barão atendeu-o e revelou-lhe que queria aprender tal idioma, porque recebera do pai no leito de morte, como herança, um livro em javanês, informando-lhe: “esse evita desgraças e traz felicidades para quem o tem” (opus cit. p. 59). Como estava passando por inúmeras atribulações, resolvera ler a referida obra...

Trouxe, então, o volume a Castelo. Ao tomá-lo às mãos, o “professor” deu conta de que se tratava de um volume antigo, faltando-lhe a página de rosto, mas possuía um prefácio em inglês, mencionando que fora produzido pelo Príncipe Kulanga, escritor javanês de muito mérito. O Barão ficou estupefato frente a essa descoberta, não percebendo que a informação fora obtida por meio do inglês e não do javanês, língua desconhecida do “mestre”.

A representação da Educação aqui fica pontuada: não era, naquela ocasião, obrigatoriamente necessário um saber profundo, denso sobre determinado assunto... Ser professor caminhava no mesmo sentido: ensinar era atividade para qualquer um que soubesse mais que sua clientela. Importava sim, utilizando uma expressão da época “fazer pose”. Esse era o imaginário coletivo que perpassava por aquela sociedade, esclarecendo-se que “imaginário”, aqui, é compreendido como Pesavento:

Atividade do espírito que extrapola as percepções sensíveis da realidade concreta, definindo e qualificando espaços, temporalidades, práticas e atores, o imaginário representa também o abstrato, o não-visto e não-experimentado. É elemento organizador do mundo, que dá coerência, legitimidade e identidade. É sistema de identificação, classificação e valorização do real, pautando condutas e inspirando ações. É, podemos dizer, um real *mais real* que o real *concreto*.

Estabeleceram preços e prazos e, ao cabo de um ano, o Barão desejava ter finalizada a leitura. Ocorre que essa começou a se proceder muito lentamente. As poucas letras ensinadas, menos ainda eram memorizadas... Ao cabo de algum tempo, o barão desistiu de a aprender e solicitou ao professor que apenas traduzisse a obra... Castelo, então, passou a frequentar a casa em dias alternados e ia inventado histórias, iludindo o velho Barão... “Sabes bem que até hoje nada sei de javanês, mas compus umas histórias bem tolas e impingi-as ao velhote como sendo do crônicon”²⁶ (p. 60). Novamente, vemos aqui representada (e de forma irônica) a “profundidade” do saber de algumas pessoas que assumiam o papel de “professores” à época.

Ocorre que o tempo foi passando, o “professor” foi ganhando mais e mais notoriedade, até chegar, por indicação do Barão, a adido do Ministério e, inclusive, em virtude de seu “saber”, recomendado a representar o Brasil num Congresso de Linguística. Mandaram-lhe que, para tal, se inteirasse de Max Muller e Hovlacque, linguistas naturalistas, cujas leituras tornaram-se fundamentais para os gramáticos na ocasião, visto que discutiam os princípios dos novos (na ocasião) preceitos da gramática histórico-comparativa, mas eram em nada superficiais nem passíveis de serem compreendidas por leigos...

Novamente, vê-se a crítica subjacente: muitos estudiosos elencavam em suas obras gramaticais nomes de importantes e inovadores linguistas como esses, mas o âmago de seu texto, na realidade, deles nada sabiam e traziam os mesmíssimos fundamentos das gramáticas tradicionais.

²⁶ Tipo de literatura medieval.

E para lá foi nossa personagem, com um artigo que falava da cultura e literatura javanesa, sem nada conhecer efetivamente sobre isso, contudo, seu “saber” fora divulgado e muito relevado por todos... Afinal, como já falado, para muitos, não importava saber com profundidade, o importante era fazer com que nele acreditassem...

Passou a ser então uma glória nacional: “e, ao saltar no caís Pharoux,²⁷ recebi uma ovação de todas as classes sociais e o presidente da República, dias depois, convidava-me para almoçar em sua companhia” (MORICONI, p. 62).

O amigo, o Sr. Castro, estupefato com a história do amigo Castelo, retrucara:

- É fantástico. (...) Se não fosse estar contente, sabe que ia ser? (...) – Bacteriologista emitente. Vamos? (idem).

E assim se encerra a breve narrativa, em primeira pessoa, ironizando o olhar da sociedade para o saber e o ensinar e, inclusive, ridicularizando, ao final da narrativa, o papel dos bacteriologistas que, no início do século XX, tanto lutavam contra a varíola que se propagava pela sociedade.

Dessa feita podemos afirmar, comungando com Bomeny (1990, p. 99) que, para a história, tanto a estrutura da narrativa como seus detalhes são representações da realidade passada. Além disso, como pudemos constatar, uma leitura que comungue História e Teoria Literária propicia uma visão ampliada e verticalizada do texto.

CLARA DOS ANJOS: COSTUMES, PRECONCEITO E SABER.

Ao contrário do conto “O Homem que sabia javanês”, que trata do saber e da educação de forma explícita, em Clara dos Anjos, a questão central são os costumes (como o casamento) e o racismo. As temáticas da educação e do saber não são fundamentais na trama, passando-se por elas de forma sutil.

Trata-se de uma narrativa breve também, como soe ser, em terceira pessoa, com apenas um núcleo temático: a moça Clara, mulata e pobre, que se entrega ao namorado, jovem semianalfabeto, malandro; dele engravida e por ele é abandonada.

A história tem início com a apresentação do núcleo social e familiar de Joaquim dos Anjos, pai de Clara. Ele, carteiro, mulato, com pouca escolaridade e menos ainda ambição, morava numa chácara no subúrbio carioca. Tocador medíocre de flauta, frequente de um bar, cujos habitués eram pessoas bastante

²⁷ Primeiro cais da cidade do Rio de Janeiro.

peculiares; Sr. Alípio, um senhor que “mais parecia um galo de briga”, um inglês desenhista; um filósofo, que se julgava grande sábio; um poeta “verdadeiramente poeta, que tivera o seu momento de celebridade em todo Brasil” (COUTINHO, p.150) e o velho Valentim, um chacareiro português, contador de anedotas.

Além disso, é apresentado o *habitat* da personagem: bar e chácaras, focalizando as cercanias da residência de Joaquim, onde começaram a surgir as “bíblias”, lideradas por um pastor protestante, cujos cânticos de hora em hora “enchiam a redondeza”. (*opus cit.* p. 149).

O olhar irônico e “ardido” de Lima Barreto perpassa por aqui: o poeta “verdadeiramente poeta” e os cânticos que “enchiam a redondeza” são exemplos disso. Sabemos que era moda, naquela época, entre os jovens dizerem-se poetas sem o ser. Alguns até conseguiam famas-relâmpago, mas, dada a superficialidade de seus textos, essas eram fugazes. Em relação ao “enchiam”, vemos a utilização do verbo com dois sentidos: encher na acepção de “lotar” e na de ‘incomodar”.

Lima Barreto foi sujeito daquele contexto e testemunha ocular de tudo isso, assim, dando voz às suas personagens deslocadas do centro da cidade, em virtude das grandes reformas por que passava o Rio de Janeiro, mais do que narrar, documentava todas aquelas mudanças.

Como se pode perceber, os promotores das “bíblias” e alguns dos frequentadores do bar, excetuando-se o carteiro e o chacareiro, eram pessoas de saber, mesmo que pouco sólido, e o que faziam de melhor era frequentarem o bar e lá verem passar as horas. Está aqui representado o perfil do brasileiro da época: o mulato, o português, os ingleses, vindos para a implementação das linhas ferroviárias, constituindo nossa rede social... Chartier (*opus cit.*) ensina que, ao voltar-se para a vida social, os sujeitos adquirem formas, suscetíveis de classificações e exclusões, que auxiliarão nas configurações sociais e conceituais de um tempo ou espaço. As “bíblias” e o bar são espaços que nos auxiliam a fazer um quadro, uma pintura do panorama do subúrbio carioca naquela ocasião. Importa-nos ressaltar também que grande parte dessas personagens, embora constitutivas do texto, não participam da trama, sua presença justifica-se, portanto, para corroborar e colaborar com a representação social que se deseja traçar e ironizar...

Em relação ao núcleo familiar, a família de Joaquim era pequena: casara-se com D. Engrácia, mulata escura de cabelo liso, e tivera apenas uma filha: Clara dos Anjos que adquirira do pai a tez (mulata clara) e da mãe o cabelo liso. Tinham por ela grandes desvelos, evitando, por exemplo, deixá-la ir à venda, por onde circulavam aquelas figuras: “Habituada às musicatas do pai, crescera cheia de vapores das modinhas e enfumaçara a sua pequena alma de rapariga pobre

com os dengues e a melancolia dos descantes e cantarolas (...) Mais depressa ia Engrácia à venda de Sr. Nascimento buscar isso ou aquilo, do que ela precisava” (in COUTINHO, p. 150).

Ocorre que um dia, nas comemorações de aniversário do Sr. Joaquim, esteve em sua chácara o Sr. Júlio Costa, tendo-se em conta de que se tratava de “exímio contador de modinhas”: “(...) o famoso trovador apareceu. Branco, sardento, insignificante, de rosto e de corpo, não tinha as tais melenas denunciadoras, nem outro qualquer traço de capadócio” (idem p. 150). Na realidade, Júlio dizia-se cantor, mas o que tinha por ofício era promover brigas de galo no quintal de sua própria casa. Jovem, galanteador, namorador, já se vira envolvido com a polícia por “fazer mal” a uma jovem mulata... Era semianalfabeto.

Logo que apresentado a Clara dos Anjos, deitou-lhe olhar guloso... “Cantarolou” modinhas de amor e as moças ali presentes, inclusive Clara, por ele se viram envolvidas. Ele insistia com Clara....

Embora de situação modesta, o pai de Júlio tinha emprego melhor que o do Sr. Joaquim e, por isso, um nível social melhor. De suas três irmãs: Mercedes, Adelaide e Maria, duas estudavam em boas escolas e uma já possuía um emprego no município: “Pequenas burguesas, sem nenhuma fortuna, mas, devido à situação do pai e a terem frequentado escolas de certa importância, elas não admitiriam para Clara, senão um destino: o de criada de servir”. (idem, p. 152).

Aqui podemos perceber com bastante clareza a representação dada à época ao saber: muito mais que o conhecimento efetivo, a frequência a uma boa escola era o que importava. Além disso, presente está o preconceito racial profundamente arraigado naquele núcleo social: pretos e mulatos “serviam” de e para serviços.

Nessa proposta de leitura interdisciplinar, percebe-se que este conto, co-mungando com Borges (2010, p. 103), clama reflexões sobre aquele contexto:

[...] seja ela conto, crônica poesia ou romance – inseri-la no movimento da sociedade, investigar as suas redes de interlocução social, destrinchar não a sua suposta autonomia em relação à sociedade, mas sim a forma como constrói ou representa a sua relação com a realidade social – algo que faz mesmo ao negar fazê-lo.

Clara dos Anjos era uma típica “moça de família”, cuidada e preservada, como já falado, e somente aos poucos é que foi caindo nas teias amorosas de Júlio. Esse, então, pressentindo estar atingindo seu objetivo, escreve-lhe um bilhete, repleto de desvios gramaticais:

Queridinha, confeço-te que ontem quando recebi a tua carta minha mãe viu e fiquei tão louco que confessei tudo a mamãe que lhe amava muito e fazia por você as maiores violências, ficaram todos contra mim é a razão porque previno-te que não ligués ao que disserem por isso, pesso-te que preze bem o meu sofrimento,

Pense bem e veja se estás resolvidas a fazer o que lhe pedi na última cartinha.

Saudades e mais saudades deste infeliz que tanto lhe adora e não é correspondido. O teu Júlio (BARRETO, 2010, p. 249).

Nada se sabe da “última cartinha” mencionada por Júlio nesse bilhete, mas dá para imaginarmos qual fora o pedido lá feito...

Clara dos Anjos frequentara escola simples, contudo era razoavelmente instruída e “apesar da ortografia de seu namorado, apesar de escrever muito melhor, a sua instrução era insuficiente para desprezar um galanteador tão analfabeto. Ainda por cima, (...) a sua obsessão pelo casamento lhe tiravam toda a capacidade crítica que pudesse ter” (COUTINHO, *opus cit.*, p. 152).

Novamente, temos aqui reforçada a questão do saber e o imaginário coletivo das moças no início do século: não precisavam se formar, mas necessitavam casar, já que não trabalhavam e não tinham, se solteiras ficassem, como arcar com sua sobrevivência: “(...) Não havia de ser toda a vida assim como um cão sem dono. Os pais viriam a morrer e ela não podia ficar pelo mundo desamparada” (*opus cit.* p. 151).

Assim, sentindo-se lisonjeada, Clara acedeu. Deixava a janela de seu quarto aberta e lá ocorriam os encontros “fortuitos”... Certa feita, percebeu uma coisa estranha... comunicou ao namorado. “Qual! Não era nada, disse ele. Era sim: era um filho. Ela chorou, ele acalmou-a, prometendo casamento... O ventre crescia, crescia” (*idem*, p. 152)... O rapaz foi se distanciando, sumindo, como perfeito malandro.... Clara contou à mãe e resolveu ir à casa do rapaz. Em lá chegando, expôs a situação à mãe de Júlio, ao que essa lhe respondeu “– Ora esta! Você não se enxerga!, Você não vê mesmo que meu filho não é para se casar com gente da laia de você! Ele não amarrou você, ele não amordaçou você... Vá-se embora, rapariga! Ora já se viu! Vá!...”

Lamentavelmente era esse o comportamento do malandro até poucos anos atrás. Foi exatamente no início do século que surgiu o ditado: “prendam suas cabras, que meu bode está à solta”... Ao homem tudo era possível, à mulher, sobretudo à mulata, de família humilde e pouca escolaridade, nada... E, como se Lima Barreto se personificasse na figura de Clara, finaliza o conto com ela dizendo à mãe: “Mamãe, eu não sou nada nesta vida”.

Como foi possível verificar, a análise do contexto, do ambiente da época, apontando no conto elementos que constituíam aquela sociedade, favoreceram uma leitura mais densa e verossímil, imprimindo colorido especial ao texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos verificar que ambos os contos são breves e suas temáticas ocorrem num curto espaço temporal, envolvendo poucas personagens e apenas um núcleo conflitual e, em relação ao contexto, fornecem-nos uma ampla imagem do subúrbio carioca daquela época, com suas personagens, costumes, desejos e preconceitos.

Recordemo-nos com Assis (2008, p. 47) que:

Entre as manifestações artísticas, aquela que mais fortemente traduz a vida social, sem dúvida, é a literatura. Por isso, não se pode pensar em literatura divorciada das condições do meio e do tempo. Assim, torna-se mister analisar uma obra literária vislumbrando o meio social e a época a que ela pertence e representa. Uma análise desse tipo revela os costumes, as crenças, os valores de determinada sociedade e, mais, mostra a intenção de consolidá-los ou refutá-los.

No primeiro conto, vemos retratada a vida de um típico malandro do início do século: Sr. Castelo, cujo sustento era obtido por meio de tramoias e enganações. Sua narrativa ao amigo de como conseguira trabalho em Manaus e de como obtivera credibilidade inventando que sabia javanês corroboram para traçar esse perfil.

No segundo, passeamos pelo subúrbio carioca do início do século XX, com suas personagens e costumes e centramo-nos em Clara: mulata, humilde, iludida pelo namorado semianalfabeto, outro malandro.

Por meio da leitura, foi possível depreender como o escritor pôde utilizar-se da realidade e criar lugares e vidas, sendo atraído pela possibilidade do vir a ser. Pudemos constatar como se ateve a um determinado ponto: Maria Clara, cuidadosamente considerada pelo autor-historiador, favorecendo-nos traçar o perfil feminino da moça mulata de pouca escolaridade do subúrbio carioca daquela época (cf. SEVCENKO, 2003).

Assim, valer-se da História Cultural para analisar um texto literário, favorece-nos compreendê-la como o estudo dos processos com os quais se constrói um sentido, uma vez que as representações podem ser pensadas como “[...] esquemas

intelectuais, que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado” (CHARTIER, 1990, p. 17).

Lima Barreto foi um homem que muito sofreu preconceito: era mulato, pobre e alcoólatra, vivia no subúrbio do Rio de Janeiro sendo expectador de tudo que se passava à sua volta. A literatura deu voz às suas dores e, por meio dela, além de traçar o perfil daquele momento, fez sérias denúncias sociais, utilizando assim seu fazer literário para uma (re)configuração poética do real.

Dessa feita, é possível olharmos a obra de Lima Barreto como uma produção privilegiada para a História, visto ser viável “inserir-la no movimento da sociedade, investigar suas redes de interlocução social, destrinchar não sua suposta autonomia em relação à sociedade, (...) [mas] a forma como constrói ou representa a sua relação com a realidade social”.²⁸

Efetivamente, um professor, por meio de uma proposta de leitura interdisciplinar desses contos de Lima Barreto, melhor apresenta o Brasil do início do século XX a seus alunos, favorecendo-a estes ver retratado o imaginário daquela instância em nosso país, além de apontar-lhes como o saber e a educação eram renegados.

REFERÊNCIAS

ASSIS, L. M. **Lima Barreto** – Língua, Identidade e Cidadania. Tese de doutoramento. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

Barreto, Lima. Clara dos Anjos. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz Schwarcz (org.). *Contos completos de Lima Barreto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BOMENY, H. **Encontro Suspeito: História e Ficção**. In: Revista Dados – Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, vol. 33, n. 1, 1990.

BORGES, V. R. **História e Literatura: Algumas Considerações**. Goiás: Revista de Teoria da História, Ano 1, n. 3, junho/2010.

CHARTIER, R. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, R. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

²⁸ <https://www.historia.uff.br/estadoepoder/6snepc/GT13/GT13-GILBERTO.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2020.

COUTINHO, A. **As formas da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1984.

FAZENDA, I. (org) **O que é interdisciplinaridade**. São Paulo: Cortez, 2008.

MOISES, M. **A criação literária: prosa I** – São Paulo: Cultrix, 2006.

MORICONI, I. (org.) **Os cem melhores contos brasileiros do século**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

NAXARA, M. R. C. **Estrangeiro em sua própria terra: representações do brasileiro 1870/1920**. São Paulo: Annablume. 2002.

PESAVENTO, S. J. **História & literatura: uma velha-nova história**. Nuevo Mundo, Mundos Nuevos, Debates, 2006. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/index1560.html>.

SENA JUNIOR, G. F. <https://www.historia.uff.br/estadoepoder/6snepc/GT13/GT13-GILBERTO.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2010.

SEVCENKO, N. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

